

MERCADOS EM CRISE: *Ministro Pedro Malan diz que, apesar dos problemas na Ásia, Brasil ainda pode reduzir as taxas de juros*

Desvalorizar é sucumbir à turbulência, diz Franco

Dezembro fecha com perda nos fundos de investimentos em bolsa. No ano, o saldo ainda ficou positivo em US\$ 1,6 bi

• BRASÍLIA, RIO e SÃO PAULO. O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, disse ontem que o BC está vigilante e tem instrumentos para lidar com qualquer turbulência internacional. Sem citar quais seriam esses instrumentos, Franco limitou-se a dizer que o BC fará o que for necessário para enfrentar a crise, mas descarta uma desvalorização do real frente ao dólar.

— Desvalorização não é o instrumento para se lidar com turbulência. Ela pode ser entendida como sucumbir à turbulência. Ela é a expressão de uma crise, como estamos vendo na Ásia — reagiu Gustavo Franco, depois de apresentar os finalistas do concurso para criação das moedas do real.

Para o diretor de Assuntos Internacionais do BC, Demosthenes Madureira de Pinho Neto, o nervosismo que domina o mercado não vai desaparecer de uma hora para outra em função da instabilidade na Ásia. Por isto, ele acha que o Brasil não pode trabalhar com a perspectiva de crescimento das reservas internacionais, que hoje estão na casa dos US\$ 52 bilhões, o mesmo patamar do fim do ano passado. Apesar da perda de US\$ 10 bilhões em reservas em apenas dois meses, o diretor considera os US\$ 52 bilhões um nível confortável para o país.

— Os US\$ 62 bilhões registrados antes da crise não eram um

nível tão confortável porque havia um alto custo de carregamento das reservas. Não queremos acumular reservas a qualquer custo — disse o diretor.

Gustavo Franco diz que asiáticos se renderam à crise

A avaliação do presidente do BC é de que a Ásia se rendeu à crise quando desvalorizou as moedas locais, e isso foi uma consequência direta da região não ter feito as reformas estruturais necessárias. Por isso mesmo, ele acredita que a Ásia deverá amargar um período de desaceleração na atividade econômica daqui para frente, enquanto a América Latina terá condições de manter um crescimento sustentável. Franco comparou a atual situação com o que aconteceu em 1982. Naquela época, a América Latina foi marcada pelo início de um período de reforma, crises e turbulências, enquanto a Ásia viveu uma fase de crescimento prolongado.

— Talvez agora seja o contrário. A América Latina, que trabalhou tanto para se reformar, se modernizar, talvez, pode estar no limiar de uma processo de crescimento sustentável — disse.

Ao comentar se o Brasil seria passível de um novo ataque especulativo, Franco citou o fato de em outubro do ano passado, a grande dúvida que pairava no ar era sobre a capacidade de resposta do Brasil a uma turbulência



GUSTAVO FRANCO, do BC, apresenta o resultado do concurso para as moedas do real e garante: o Brasil está vigilante

internacional. Segundo ele, essa dúvida hoje está sanada diante de todas as medidas que o Governo adotou de forma rápida para conter os ataques à moeda.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse em entrevista à Rádio Jovem Pan, que a crise asiática deve durar, pelo menos, mais um ano. Apesar disto, garantiu

que o Brasil está preparado para enfrentar ataques especulativos contra o Real. Apesar das declarações do presidente Fernando Henrique Cardoso de que será mais difícil reduzir os juros no Brasil em meio à crise asiática, o ministro Malan informou que o Governo está disposto a manter a trajetória de queda das taxas. De

acordo com Malan, a redução será percebida na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, marcada para o fim deste mês. Ele se negou, entretanto, a dizer qual seria a magnitude da redução.

— Na reunião do Copom nós daremos continuidade nessa trajetória de declínio nas taxas de ju-

ros. Mas nós nos reservamos o direito de não alimentar especulações sobre qual é a magnitude e a intensidade dessa queda — ressaltou Pedro Malan.

Mercado pede juros altos e BC suspende leilão de títulos

A expectativa de redução de juros foi confirmada com a suspensão do leilão de de R\$ 2,5 bilhões de Letras do Tesouro Nacional (LTNs) de 98 dias. O mercado pediu taxas de 39,78% ao ano pelos papéis, muito acima do que projetam os mercados futuros. O BC deu sinais de que esse ganho é alto demais para os investidores, e cancelou a venda para pôr fim à especulação de que os juros se manterão em patamares tão elevados. Amanhã, o BC ofertará R\$ 4,5 bilhões em BBCs de 63 dias, com vencimento em 19 de março. O mercado acredita que esses papéis serão aceitos pelos bancos e a taxa pedida será menor.

Apesar da crise asiática, o Brasil fechou 1997 com saldo positivo de US\$ 1,6 bilhão nos fundos de Anexo IV, de investimentos externos nas bolsas. Ainda assim, o saldo é menos de metade do que tinha sido em 1996 (US\$ 3,5 bilhões). No ano passado, entraram US\$ 32,1 bilhões e saíram US\$ 30,5 bilhões. Em dezembro, pelo quinto mês consecutivo, os saques superaram os ingressos de recursos e o saldo mensal ficou negativo em US\$ 443 milhões. ■

Givaldo Barbosa